



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10821 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E O GÊNERO FEMININO: ENCONTRANDO PROTAGONISMOS EM UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA

Emerson Ricardo Esteves da Fonseca - IFSUL - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO GRANDENSE

Adriana Duarte Leon - IFSUL - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO GRANDENSE

LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E O GÊNERO FEMININO: ENCONTRANDO PROTAGONISMOS EM UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA

O artigo em questão versa sobre as representações do gênero feminino, presentes nos livros didáticos de história, utilizados no 6º ano do ensino fundamental, na Escola Municipal Almirante José Saldanha da Gama, em Pelotas, Rio Grande do Sul. A escola em questão é o local de atuação do pesquisador como professor de nível II.

A gênese da pesquisa está alocada na participação do pesquisador como bolsista de iniciação científica do CNPq, no Projeto “Representações do Gênero em Livros Didáticos”, desenvolvido na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas (FAE/UFPEL), ocorrido em 2015. O trabalho estava ligado à análise de livros didáticos encontrados nas bibliotecas de duas escolas: uma, da rede municipal; outra, da rede estadual. Esses materiais eram destinados às discentes do 5º ano, e seus conteúdos tratavam da história do Rio Grande do Sul. A proposta da pesquisa era identificar as representações do gênero feminino existentes nos materiais didáticos encontrados nas bibliotecas das escolas em estudo. O projeto da FAE tinha, como atividades periódicas, reuniões destinadas a debates. Os resultados do projeto geraram um artigo e a participação na terceira Jornada da Diversidade Sexual, promovida pela UFPEL.

Posteriormente, a temática foi retomada no trabalho de conclusão de curso, intitulado “O gênero em livros didáticos sobre a história do Rio Grande do Sul”, com enfoque nas questões do gênero no ensino de história, no curso de Licenciatura em História, no Instituto de Ciências Humanas, na Universidade Federal de Pelotas.

As experiências sobre o gênero contribuíram no intuito de anunciar o “lugar de fala”

do pesquisador, sendo ele, homem, pai e professor, procura-se explicitar a partir dos destaques feitos como o gênero tem atravessado seus estudos. As discussões sobre gênero ampliaram suas concepções e constituíram para que o autor seja um defensor da igualdade de condições entre os gêneros. A ampliação da pesquisa, dentro do trabalho de conclusão de curso, paralelo ao ingresso do autor na docência, contribuiu para estabelecer um olhar específico em relação à postura dos/as estudantes em sala de aula. As representações do gênero presentes nos espaços escolares gera exclusão dos sujeitos, aguçando o olhar de professor pesquisador, trazendo questionamentos sobre o tema.

Diante do exposto, convém explicitar sobre os sujeitos excluídos da história, corroborando com Perrot (2017, p. 5), “a massa dos obscuros desde sempre excluídos da história” são os/as trabalhadores/as, operários/as, mulheres do povo, a população carcerária, os/as negros/as, os/as índios/as, os/as homossexuais, ou, os/as marginalizados/as, enfim todos/as aqueles/as que são produzidos/as por uma sociedade desigual e são discriminados/as, excluídos/as e/ou invisibilizados na mesma.

Em relação à pesquisa, esta investiga os livros de história utilizados em uma Instituição de ensino público nos últimos 10 anos, a ideia foi localizar, nas publicações didáticas, as representações femininas, analisar, interpretar e problematizar as concepções do gênero anunciadas nos materiais. Para desenvolver o trabalho, foi utilizado o método de pesquisa qualitativo, que representa, segundo Robert Bogdan e Sari Biklen (2014), a interação entre ambiente, fonte e pesquisador. Esta apresenta algumas particularidades, tal como, a descrição dos dados oriundos da coleta dos mesmos.

Realizou-se também, uma primeira aproximação teórica, chamada de Estado do Conhecimento, onde foi possível ampliar o contato com diferentes pesquisas acadêmicas, o que representou uma imersão teórica em temas relevantes para o trabalho, tais como: representações, gênero, livros didáticos e ensino de história. Este movimento de ampliação do referencial teórico foi realizado a partir da investigação no banco de teses e dissertações da CAPES.

Para Fernandes e Morosini (2014), o Estado do Conhecimento representa um momento relevante da pesquisa, criando possibilidades e ampliando o alcance em relação ao objeto investigado, abrangendo conhecimentos sobre os periódicos, as teses, as dissertações e os livros referentes à temática explorada.

A construção do Estado do Conhecimento é abrangente, tendo em vista que apresenta ao pesquisador um importante leque de possibilidades, expondo diversos trabalhos que se aproximam da temática pesquisada. É um movimento ao encontro de referenciais teóricos pertinentes, representando uma forma de enriquecimento do trabalho, melhorando a introdução de conhecimentos e de ideias para a pesquisa.

Em relação ao trabalho, o primeiro passo foi à identificação dos materiais utilizados na biblioteca da escola resultando na escolha dos seguintes livros didáticos de história: “Para

entender história”, de Divalte Garcia Figueira e João Tristan Vargas (2009); “Projeto Radix: História” de Cláudio Vicentino (2014, 2015, 2016) e “Historiar”, de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues (2017, 2018, 2019), abrangendo o 6º ano do ensino fundamental. Posteriormente, o material foi categorizado e catalogado, explicitando a localização de textos e imagens que se relacionavam com o tema da pesquisa. O material coletado foi organizado e arquivado no computador, contendo, na íntegra, os livros didáticos utilizados na pesquisa. A finalização do trabalho contou com a análise do material selecionado, considerando os referenciais pertinentes para isso; alguns, oriundos da teoria feminista; outros, dos estudos do gênero. Ainda sobre a localização das representações do gênero, destaca-se que o trabalho possibilitou, em alguns casos, a análise dos conteúdos em correlação com as imagens presentes nas obras.

O recorte do material coletado foi estabelecido considerando a complexidade em trabalhar com os conteúdos históricos. A pesquisa demandaria maior tempo e contextualização acerca de cada período histórico, reduzindo o foco da análise. A escolha dos conteúdos relacionados aos capítulos introdutórios e à seção de atividades deu-se pela qualidade do material e pela abordagem pautada na atualidade.

No que diz respeito ao gênero, as teorias feministas, trazidas por autoras como Scott (1995) e Louro (2015), representam o fundamento para alicerçar as discussões em torno da questão do gênero neste trabalho. Elas refletem, também, a história das mulheres, buscando suscitar a reflexão crítica em relação à resistência contra a opressão masculina sobre o gênero feminino, e o quanto a sociedade ainda precisa avançar sobre esse assunto.

A história, de forma geral, possui seus mitos e contrastes que esbarram num emaranhado de tradições mantidas de forma intensa, criando certa dúvida a respeito da solidez dessas. Para pontuar a questão da presença feminina na história, é importante a compreensão conceitual sobre gênero. Na concepção de Scott (1995), gênero se intensifica na medida em que aparece como uma construção social.

Tendo-se em vista o contexto da pesquisa sobre os livros didáticos e as representações do gênero, convém mencionar a história das professoras em sala de aula, suas lutas e seu trabalho. Elas aparecem numa posição formatada pelas relações sociais de poder e, por sua vez, sofrem seus efeitos. Conforme Louro (2015), as professoras sofrem com a autoritária presença das representações do masculino, que ditam posições sociais. Muitas vezes, são consideradas as tias, as solteiras, aquelas que possuem uma importante missão dentro da sociedade, independente de remuneração, comparando a docência ao sacerdócio e à maternidade.

Louro (2015) faz uma importante reflexão sobre as relações de poder, expressando o quanto influenciam as posturas dos sujeitos, gerando determinados movimentos de sobrevivência dentro do sistema vigente. Para a autora, não existe um rompimento com a sociedade constituída, mas acontece uma adaptação das pessoas de diversos e diferentes

modos. O rompimento com o sistema, normalmente, gera descontentamento, tornando os sujeitos envolvidos transgressores, ressentidos, pessoas que não se enquadram nos padrões estabelecidos e que, por intermédio de regimes autoritários, devem ser expurgados da sociedade.

Enfatizando a questão da opressão, esta agudiza os problemas, eleva as diferenças, a exclusão, e todo esse cenário projeta-se nos marcadores sociais (AKOTIRENE, 2018), por meio de influências diretas dos principais pilares da dominação, o colonialismo, o eurocentrismo e o imperialismo (SANTOS, 2018). A dominação atinge as relações sociais, aumentando os modelos opressivos. O resultado aparece, de maneira contundente, por meio da miséria: muitas pessoas em situação de rua, morando em barracos improvisados, desemprego severo, insegurança alimentar, baixos investimentos, principalmente, em saúde e educação, dentre outros segmentos (SANTOS, 2018).

A dominação colonialista desencadeia uma reação personificada em movimentos de resistência. Para Collins (2015), essas mudanças necessárias, na sociedade, estão, também, presentes numa luta interna, em que o/a oprimido/a tenta criar tribulação ao reproduzir as formas de opressão sofridas, dificultando as revoluções e as verdadeiras mudanças. Percebe-se, em meio aos/as oprimidos/as, a presença de diversos/as opressores/as dificultando os movimentos de resistência.

Diante disso, compreender a dimensão dessa opressão é essencial. Relevante ressaltar que continuará se perpetuando enquanto quem oprime for apoiado pelo/a oprimido/a. Essa prática ganha dimensão, aumentando os desafios para alcançar o caminho da desconstrução das relações de poder que escravizam as pessoas e corroem o tecido social. Uma conjuntura de oprimidos(as)/opressores(as) contribui para a ampliação do colonialismo, do eurocentrismo e do imperialismo.

É preciso questionar a opressão, o contrário só fortalecerá a dominação social e criará um distanciamento rumo às mudanças estruturais fundamentais para a sociedade. O conhecimento a respeito do colonialismo e seu processo de dominação permite uma melhor análise das questões ligadas à opressão. Santos (2018) contribui para a reflexão crítica sobre a dominação ao considerar o conhecimento ocidental injusto, pois esse desconsidera quaisquer outros conhecimentos existentes, reduzindo os demais, gerando segregação e estimulando o espectro da opressão. Para Santos (2018), “não existe justiça social sem justiça cognitiva global.” (p. 308).

Neste entendimento, convém salientar mais algumas ideias presentes nos escritos de Santos (2018), que representam o distanciamento da tradição eurocêntrica, abrindo espaço para novas realidades, ou, até, para realidades não existentes, é a “sociologia das ausências”. Enfatiza-se que Santos (2018) caracteriza o panorama atual de desigualdade, violação de direitos, ataques à democracia, corrupção e lavagem de dinheiro. O autor constata a existência de uma colonialidade do conhecimento, utilizado como ferramenta de opressão, criando uma

ciência instrumentalizada a serviço de interesses privados, promovendo mais exclusão social.

Quanto ao livro didático de história, o trabalho passou pela compreensão do funcionamento do mercado editorial, pela qualificação da identidade de seus autores e pelo funcionamento do PNLD. É importante destacar como acontecem os programas do livro didático. Segundo Tatiana Britto (2011, pp. 7 - 8) os procedimentos empregados até a chegada dos materiais nas escolas se dão em diversas etapas. Os programas relacionados aos livros didáticos têm início com a publicação do edital, contendo os critérios para a inscrição das obras por parte das editoras. Por conseguinte, é feita a triagem dos materiais pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado, em que são verificadas a parte técnica e física conforme os critérios do edital. Na sequência, acontece uma avaliação pedagógica, por meio da Secretaria de Educação Básica do MEC, que inclui as obras aprovadas no Guia do Livro Didático distribuído para as escolas do Brasil. O passo seguinte é a escolha dos livros utilizando os Guias recebidos, em que cada escola encaminhará o pedido ao FNDE, pela internet ou correios, contendo a duas opções de livros. Realizados os pedidos, o FNDE adquire, com as editoras, sem exigência de licitação, as obras com base na primeira opção dos/as professores/as das escolas. Ao adquirir os exemplares, o FNDE firma contrato com a editora, utilizando, como base, para quantificar os alunos e alunas, dados numéricos do último Censo Escolar realizado. Conforme regulamento, a aquisição da segunda opção de livro só acontecerá caso o FNDE não consiga firmar acordo com a editora em relação ao preço (princípio da economicidade) do exemplar. No caso de impasse, o FNDE pode adquirir a obra mais escolhida na região da escola. Em relação à distribuição dos livros, esta é feita pelas editoras por meio de contrato expresso entre o FNDE e a ECT, com previsão de entrega entre outubro e o início do ano letivo.

Em relação à análise dos conteúdos presentes nos livros, uma das reflexões da pesquisa debruçou-se em torno do empoderamento feminino, este perpassa a análise do poder como norteador das posturas que balizam os modos de proceder na sociedade. Pensar empoderamento feminino é repensar a sociedade, construída por meio de relações hierárquicas que julgam e determinam distintos papéis aos sujeitos. Empoderar é uma palavra carregada de significados que podem revelar o caminho que determinados atores serão guiados na direção do resgate de suas humanidades. Constatar o poder como algo dado, segundo Berth (2019), é conduzir os indivíduos e os grupos de maneira articulada.

O empoderamento é uma importante ferramenta na sociedade, por resgatar muitas pessoas em condição de invisibilidade, dando-lhes autonomia e liberdade. A opressão, segundo Berth (2019), não permite ao oprimido a percepção da realidade objetiva para que possa desvencilhar-se das correntes limitadoras do pensamento individualista. Pensamento daqueles que seduzem a ponto de tornar o oprimido tão opressor quanto seu algoz.

Na visão de Berth (2019), empoderamento não significa retirar poder, ou como a autora mesma ressalta, “inverter os polos de opressão” (BERTH, 2019, p. 15), a ideia é de enfrentamento. O conceito, aqui, tratado procura resgatar o oprimido, promovendo justiça por

meio do combate às formas de opressão social existentes, especificamente, em relação ao gênero feminino. A autora demonstra a importância do resgate das humanidades individuais ao expressar a questão “da situação injusta e equalização de existências em sociedade.” (BERTH, 2019, p.16). O empoderamento é a afirmação, a resistência contra as opressões, nisto a mulher empoderada exerce papel relevante. Nesse cenário, o livro didático pode ser um instrumento de valorização do feminino ao aprofundar as discussões sobre a condição das mulheres na sociedade. Assim, poderá contribuir para o debate sobre gênero feminino e para a necessidade das lutas em prol dos direitos de das mulheres, sem exceção. A ideia do empoderamento é o feminino presente na política, elegendo suas representantes e participando dos pleitos como candidatas, usufruindo de conquistas oriundas durante décadas de luta.

Neste cenário, os materiais didáticos trazem consigo uma autoridade constituída e se alinham a uma proposta político-educacional, comumente vinculada a um governo específico. Convém mencionar o contexto social e político do Brasil relacionado ao negacionismo sobre as temáticas de gênero e diversidade, objetivando o retorno de ideais conservadores e patriarcais. Finalmente, sobre o resultado deste trabalho, espero que possa contribuir de forma reflexiva para a educação e para os estudos de gênero embora tenha ciência de que não pontuei todas as discussões presentes na atualidade, tais como os feminismos plurais, a luta das mulheres negras, gênero neutro, linguagem neutra, entre outras pautas, que podem e devem ser incorporadas nas reflexões sobre educação e gênero. Acerca do ensino de história, reivindico publicações didáticas que ampliem as possibilidades de reflexão em torno do gênero feminino e sua inserção na história, não apenas como uma figura única, mas plural, dentro de um contexto de avanços e conquistas. É significativo que as mulheres se projetem e sejam reconhecidas como protagonistas da história.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Gênero. Feminino. Livro didático.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BERTH, Joice. **Empoderamento.** São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

BRITTO, Tatiana Feitosa de. **O livro didático, o mercado editorial e os sistemas de ensino apostilados.** Centro de Estudos da Consultoria do Senado, 2011. <http://www.abrale.com.br/wp-content/uploads/Livro-did%C3%A1tico-o-mercado-editorial-e-os-sistemas-apostilados.pdf>. Acesso em: 24 de mar. 2021.

COLLINS, Patrícia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. **Reflexões e práticas de transformação feminista.** São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2015.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar**. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FERNANDES, Cleoni Maria Barboza; MOROSINI, Marília Costa. **Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções**. Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

FIGUEIRA, Divalte Garcia; VARGAS, João Tristan. **Para entender a história**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na Sala de Aula**. In: **PRIORE, Mary Del. (Org.). História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. (pg. 443 – 481)

PERROT, Michelle. **As mulheres ou o silêncio da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**. Volume I. Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

VICENTINO, Cláudio. **História**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2012.